



REPRESENTAÇÕES DE INTENÇÃO DE CONSERVAÇÃO DO DUPLO NA MITOLOGIA DA EUROPA SETENTRIONAL

Flávio Guadagnucci Palamin¹

RESUMO: Na pesquisa, objetivamos analisar as concepções gerais do “duplo”, apresentadas por Émile Durkheim (1996) e por Edgar Morin (1997). Detemo-nos, especificamente, nas discussões relacionadas aos mecanismos de conservação desse “duplo” presentes na mitologia da Europa Setentrional, utilizando como fontes a *Edda Poética* e a *Edda em Prosa*.

PALAVRAS-CHAVE Duplo; Europa Setentrional; Mitologia.

1 INTRODUÇÃO

Discutiremos neste trabalho as concepções gerais do “duplo”, apresentadas tanto por Émile Durkheim, quanto por Edgar Morin; e, dentro dessas concepções - adquiridas no estudo de diferentes culturas - como aparecem as intenções de conservação do “duplo”. Focamos nossa abordagem na mitologia da Europa Setentrional, por este trabalho fazer parte de uma pesquisa de iniciação científica - que visa identificar as relações existentes entre as representações de morte e de juventude, encontradas nos mitos da Europa Setentrional. Sendo assim, começaremos expondo alguns pontos importantes acerca do nosso objeto de estudo, para ser possível compreender as relações que faremos do mesmo com as teorias do duplo.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A opção por estudarmos a mitologia dos povos da Europa Setentrional em conjunto se deu em razão das fontes existentes para esta pesquisa. Apesar de considerarmos as grandes diferenças entre as mitologias germana, islandesa e escandinava, optamos por trabalhar com suas semelhanças, mais especificamente no que diz respeito à religiosidade do guerreiro.

Uma boa maneira de exemplificar isso é mostrando nossa principal fonte de pesquisa, as *Eddas*. A *Edda Poética* e a *Edda em Prosa* são textos de origem islandesa e datam, respectivamente, dos séculos XII e XIII. A *Edda Poética* é um conjunto de poemas sem autoria, enquanto a *Edda em Prosa* tem sua autoria atribuída à Snorri Sturluson. Apesar dos textos serem de origem islandesa, são amplamente usados por diversos

¹ Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Maringá - UEM. hyogacygnus@hotmail.com

pesquisadores a fim de analisar as religiosidades germanas, vikings ou escandinavas (BOULHOSA, 2004). Daí nossa opção por utilizáramos o termo Europa Setentrional, para definir o espaço geográfico de nossa pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durkheim, em *Formas Elementares da Vida Religiosa*, utilizando-se das concepções de Tylor e Spencer (DURKHEIM, 1996, p. 35), apresenta-nos o conceito de duplo. Segundo o autor, *A idéia de alma teria sido sugerida ao homem pelo espetáculo, mal compreendido, da dupla vida que ele leva normalmente no estado de vigília, de um lado, e durante o sono, de outro.* (DURKHEIM, 1996, p.35). Desse modo, uma vez estando em estado de sono, o homem se desprenderia do corpo, indo a lugares e realizando façanhas impossíveis para o corpo material em que se encontra na sua vida diurna. *Mas ele só pode ter ido se existem dois seres nele: um, seu corpo, que permaneceu deitado no chão e que ele reencontra ao despertar na mesma posição; outro que, durante o mesmo tempo, moveu-se através do espaço.* (DURKHEIM, 1996, p.36).

Sendo assim, conforme essas experiências eram repetidas, a ideia de que cada homem possui em duplo se torna plausível, para o homem que desconhece todas as razões biológicas e psicológicas do sonho. Cabe salientar que nem todos os sonhos eram considerados como manifestações do duplo. Entre os melanésios, por exemplo, somente os sonhos que *impressionavam fortemente a imaginação* seriam manifestações do duplo. (DURKHEIM, 1996, p.47)

Esse duplo, dotado de uma plasticidade, maleabilidade, mobilidade, sai do corpo, através de orifícios, mais comumente a boca e o nariz, durante o sono, ou mesmo durante rituais ou estados de êxtase. Entretanto, apesar de maleável, o duplo tem forma, e essa forma é, normalmente, a mesma do corpo físico. Acredita-se ainda que o duplo sofresse todas as deformações do corpo físico, fossem ferimentos ou envelhecimento. (DURKHEIM, 1996, p.36). Ou seja, o corpo perde um dedo, o duplo perde o mesmo dedo; o corpo tem 10 anos, o duplo tem 10 anos; o corpo tem 50 anos, o duplo tem 50 anos.

Para uma inteligência rudimentar, com efeito, a morte não se distingue de um longo desmaio ou de um sono prolongado; ela tem todas as aparências disso. (DURKHEIM, 1996, p.37). Deixando de lado o caráter pejorativo da fala do autor, este aspecto é de grande importância para entender a concepção geral do duplo. Se temos o sono como pequenos espaços de tempo onde o duplo se desprende do corpo, é na morte, tida como um sono prolongado, que o duplo livra-se do corpo definitivamente. *Inclusive, uma vez destruído o corpo – e os ritos funerários têm em parte por objeto apressar essa destruição - a separação é tida necessariamente por definitiva.* (DURKHEIM, 1996, p. 37). Uma vez fora do corpo, definitivamente, o duplo esta pronto para encarar sua jornada – que dependerá de cada crença, sendo possível desde a ida à um paraíso até à reencarnação.

Para os povos que estudamos essas concepções se mostram muito importantes. Para os germanos, as ações do duplo mostradas anteriormente são realizadas pelo *hamr* (forma).

A palavra *hamr* designa a forma interna que cada um possuiria. Como dito, é suscetível de evadir-se do suporte corpóreo, que entra em catalepsia ou levitação. O *hamr* a capaz de retornar para outros locais ou outras épocas, com a finalidade de acompanhar as missões com a forma de seu possuidor. Ele assume uma forma animal, em geral simbólica de seu suporte. Uma vez que a empreitada esta cumprida, ela regressa ao corpo de seu possuidor (LANGER, 2005, p.64).

Para discutirmos a intenção de conservação do duplo, abordemos primeiramente algumas idéias presentes nos mitos da Europa Setentrional.

Não existe uma idéia única de vida após a morte para esses povos. Dentre as diversas crenças, três são citadas por Snorri Sturluson: o *Palácio de Freya*, os *Domínios*

de *Hel* e o *Valhall*. Para *Hel* iam os assassinos, ladrões, ou seja, aqueles que tenham feito algo condenável pela sociedade. Para *Freya* iam os mortos por velhice ou doença. Para o *Valhall* iam os que morriam em batalha, de maneira honrosa (BRONSTED, 2004, p.262). Ao vermos a descrição do *Valhall* - onde os guerreiros passariam o seu *pós vida* batalhando durante o dia, se preparando para batalha final e banquetando durante a noite com os outros guerreiros de valor de outras eras- podemos concluir que era de grande interesse do guerreiro adentrar o *Valhall*. Entretanto, devido à premissa de que deveria morrer em batalha, era de grande importância que não envelhecesse ou, ao menos, não perdesse sua força e vitalidade, para desse modo poder continuar no campo de batalha – visto a inutilidade de um guerreiro velho e sem força.

A exaltação da força e vitalidade pode ser comprovada, também, fora do sistema religioso; em uma comunidade viking guerreira de Jomsburg, existiam regras rígidas: *nenhum homem poderia entrar para essas campanhas se tivesse mais de cinqüenta anos ou menos de dezoito* (DAVIDSON, 2004, p.57). Tendo o envelhecimento como um processo que extingue as forças, e a infância como uma idade onde as forças não estão plenas, a juventude, ou idade adulta se mostra como aquela em que o homem está no seu ápice de força e vitalidade. Desse modo, um bom guerreiro seria aquele que estivesse nessa faixa etária, ou pelo menos com as características dela.

Há povos em que não se prestam deveres funerários aos homens chegados à senilidade; eles são tratados como se também sua alma tivesse se tornado senil (DURKHEIM, 1996, p.49). O que queremos mostrar é que em outras sociedades existiam crenças de que o duplo envelhecia e, uma vez velho, não teria o mesmo valor que teria jovem. É aí que entra a intenção de conservação do duplo.

O duplo guarda os traços de seu último dia; portanto, para que se possa ser um ghost vigoroso, prefere-se morrer vigoroso: às vezes, os velhos são enterrados vivos, enquanto ainda lhes resta um pouco de energia, a fim de que seu duplo não seja senil demais. (MORIN, 1997, 138).

Assim, quando a morte resulta da doença ou da velhice, parece que a alma só pode conservar forças minguadas (DURKHEIM, 1996, p.49).

As palavras de Morin e Durkheim condizem com o que acreditamos que ocorria com os guerreiros da Europa Setentrional - não deixemos de notar que essas são conclusões tomadas por eles no estudo de outras sociedades. Imaginemos um guerreiro que se encontra no estado de transição entre sua juventude e velhice. Se ele continuar a envelhecer, logo será afastado das batalhas e, conseqüentemente, perderá a oportunidade de adentrar no *Valhall*. Outro ponto a ser debatido é exatamente a questão do duplo; se é o duplo que adentra no *Valhall* e lá fará parte do exercito que lutará na batalha final, há de se esperar que este duplo possua a mesma força e vitalidade que possuía o corpo de que se desprende. Afinal, os duplos *perpetuam para além da morte, suas atividades próprias, seu tipo de vida*. (MORIN, 1997, 138)

Ao discutirmos sobre a cremação, veremos outra característica envolvendo a trajetória do duplo, ao mesmo tempo em que continuaremos a ver as questões de sua conservação. A cremação nada mais é do que uma forma de se apressar o rompimento do duplo com o corpo, e, desse modo, impedi-lo de sofrer as decomposições da carne. O *individuo exprime sua tendência a salvar sua integridade além da decomposição* (MORIN, 1997, 133)

Na Escandinávia era comum a cremação e, em alguns casos, os corpos eram cremados em um barco, em direção ao *Valhall* (BRONSTED, 2004, p.263). Podemos ver nesse processo a crença na existência do duplo, pois valorizava a idéia de ajudar o duplo em sua viagem e, baseado no processo de cremação, quem ia para *Valhall* era o duplo, e não o corpo. Morin comenta que para chegar a seu reino, o duplo teria de empreender uma *viagem*. (MORIN, 1997, 146).

Além da representação do barco, que guiaria o duplo ao *Valhall*, temos também as *valquírias* como um outro tipo de ajuda no processo de separação. As *valquírias* são espíritos femininos que auxiliam os guerreiros em batalhas e recolhem os corpos dos guerreiros escolhidos, mortos em batalha. Esse “corpo” não pode ser outro se não o duplo, já que o corpo material encontrava-se no mesmo lugar em que caíra morto.

Podemos encontrar essas características do duplo em inúmeras sociedades ao longo do mundo e dos séculos. Essas concepções do duplo apresentam detalhes e nomes diversos, características que os tornam únicos, como o *harm* germânico, o *ka* egípcio, ou mesmo a alma cristã, sendo possível, desse modo, estudarmos essas questões tanto pelo que tem de diferente, quanto pelo que possuem em comum. Como foi possível perceber, buscamos estudar o duplo pelas características em comum que apresentam inúmeros sistemas religiosos. Essa escolha segue o propósito da pesquisa geral da qual este texto faz parte, na qual buscamos identificar como determinados ideais da religiosidade dos povos da Europa setentrional dos séculos VIII ao XI ainda permeiam nossa sociedade.

4 CONCLUSÃO

Sendo assim, com base no que foi discutido acerca da intenção de conservação do duplo, vejamos como tratar essa questão na atualidade. Para tanto, temos que ter em mente as mudanças sofridas pelas sociedades ao longo dos anos. Ao mostrarmos as sociedades da Europa Setentrional, cercadas pela iminência de guerra e com a possibilidade de adentrar em outra guerra na pós-vida, se mostra clara a idéia de se conservar o duplo jovem. Mas como pensar a permanência dessa idéia em nossa sociedade? Mesmo se considerarmos que vivemos sob as circunstâncias das guerras e da violência, as religiões e religiosidades as quais nossas sociedades possuem não nos permite constatar que haja algum tipo de intenção de manter o duplo em um estado de plena força. Entretanto, podemos perceber uma relação existente entre o duplo e a memória da sociedade.

Assim como o duplo guarda os traços do corpo na hora da morte, também a sociedade tem a tendência de resgatar a memória os traços da pessoa no momento de sua morte. Peguemos alguns exemplos: algumas celebridades como Elvis Presley e Marlon Brando tiveram seu ápice de beleza durante a juventude, como galãs conquistaram multidões de fãs, entretanto, a imagem que se fixou na mentalidade da sociedade é a deles no final de suas vidas, como vemos os *covers* de Elvis que imitam o cantor como ele se vestia nos últimos anos de sua carreira. Do mesmo modo, outras celebridades como James Dean, Kurt Cobain e Marilyn Monroe têm sua imagem vinculada ao momento de sua morte, uma imagem que condiz com a do ápice de suas carreiras. Tal como na mitologia da Europa Setentrional, o duplo tem sua continuidade assegurada e preservada na forma última do corpo.

REFERÊNCIAS

BOULHOSA, Patrícia Pires. Breves Observações Sobre *Edda* em Prosa. **Brathair**, v. 4, n. 1, p. 13-18, 2004.

BRONSTED, Johannes. **Os Vikings: História de uma Fascinante Civilização**. São Paulo, Hemus, 2004.

DAVIDSON, Hilda Roderik Ellis. **Deuses e Mitos do Norte da Europa: uma mitologia é o comentário de uma era ou civilização específica sobre os mistérios da existência e da mente humanas**, São Paulo: Madras, 2004.

DURKHEIM, Émile, ***As formas elementares da vida religiosa***. O sistema totêmico na Austrália. trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Coleção Tópicos).

LANGER, Johnni. Religião e Magia entre os Vikings: Uma Sistematização Historiográfica. **Brathair**, v. 5, n. 2, p. 55-82, 2005.

MORIN, Edgar. ***O Homem e a Morte***, Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.

Anais Eletrônico

VII EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar
CESUMAR – Centro Universitário de Maringá
Editora CESUMAR
Maringá – Paraná - Brasil